



ROTARY I N F O R M A

ROTARY CLUB DO RIO DE JANEIRO

Nº 1 do Brasil | Distrito 4570 | www.rotaryrj.org.br

SEJA UM PRESENTE PARA O MUNDO

Presidente: Maria Teresa Almeida Rosa Cárcomo Lobo

Secretário Geral: Eduardo Muniz Werneck

Responsável: Ricardo Vieira Lima Magalhães Gondim

Tels.: 2533-5735 | 2532-0338 | rotaryrj@rotaryrj.org.br

O Rotary é, desde sua fundação, uma associação que congrega importantes líderes das comunidades, e é o lugar onde se debatem, de forma apartidária, os mais importantes e atuais problemas da sociedade.

Assim, numa de nossas últimas reuniões plenárias – em 26 de agosto – tivemos uma importante palestra de nosso companheiro, associado do Rotary Club do Rio de Janeiro, o embaixador e ministro Marcílio Marques Moreira, transcrita a seguir, onde foram enfocados os graves problemas por que passa o nosso país.

HÁ SAÍDA PARA A CRISE?

PARTE 1/3

Marcílio Marques Moreira

A ingrata Conjuntura Econômica brasileira, de hoje, é uma das mais graves e complexas crises que tive a oportunidade de testemunhar nos mais de sessenta anos de minha vida profissional. Sua complexidade exige olhar poliédrico do fenômeno em que fatores os mais diversos – políticos, econômicos, sociais, éticos, culturais – tem-se retroalimentado, enquanto se deteriora a qualidade e eficácia da governança política, a quem caberia a tarefa de enfrentá-la. Isto tem minado a confiança de empresários e consumidores, inibindo sua disposição de investir e consumir. É problema adicional ao encaminhamento da política econômica, com consequências negativas tanto no nível de atividade econômica que tende a cair, quanto no da inflação que tende a subir.

A piora na conjuntura econômica, por sua vez, se reflete no cenário político, criando um ciclo vicioso em que o político e o econômico se irmanam numa rampa descendente. Acresce o escândalo ético revelando corrupção de dimensões épicas, de que o Lava Jato é o mais visível, mas não o único exemplo. É complicador que aumenta ainda mais a incerteza, e traz problemas novos, de caixa, de solvência, de gestão.

Das crises de que me lembro, dos períodos que vivenciei, a única que me pareceu atingir dimensão comparável foi a do segundo semestre de 63: *primeiros ministros se sucedendo inermes, enquanto padeiros colocados em fornos de suas próprias padarias*. O governo praticamente deixara de governar, fenômeno que parece se repetir hoje. Há que lembrar-se do cientista político americano, Samuel Huntington. Ensinava “que as maiores diferenças políticas não ocorriam entre regimes presidencialista e parlamentarista, entre regimes de direita ou de esquerda, entre monarquia e sistemas presidenciais, mas sim entre governos que governam e governos que não governam”. Infelizmente estamos testemunhando um governo que deixou de governar, o que cria um vácuo em que prospera a incerteza. Incertezas, segundo um dos seus mais renomados estudiosos Frank Knight, paralisa o agente econômico ao contrário do risco que inere à própria psicologia do empreendedor, do capitalista, que aceita, até viceja no risco, na medida em que este aumenta as chances de retorno mais robusto. O risco é bem aceito, inclusive por sujeitar-se a uma mensuração virtual e, em consequência, ser objeto de seguro, enquanto a incerteza quando assume proporções desmedidas e permeia toda a sociedade, acaba paralisando o investimento, o consumo e o próprio governo.

Para a construção de uma ponte para o futuro, há inúmeros obstáculos que tem de ser superados. Antes de tudo temos de encarar com nova seriedade nossas responsabilidades para com o futuro. Adotar uma ética do futuro. Costumamos esquecer os ditames da ética intergeracional, a responsabilidade com as novas gerações tanto na área previdenciária, quanto na educacional, na saúde e em tantas outras dimensões. Só para dar um exemplo, a incerteza criada com as novas concessões elétricas, inclusive por não se conhecer o futuro legal-regulatório do setor, levou os investidores potenciais a deixar de investir e os ainda responsáveis pela sua operação, a limitar a patamar mínimo os custos de melhorias quantitativas e qualitativas que beneficiariam o consumidor.

Na economia, em geral, acentua-se a angústia, que infelizmente tende a se aprofundar, na medida em que o desemprego se agravar significativamente. Não há nenhum sinal à vista de melhora, a curto prazo. Surpresas sempre são possíveis, mas temo que ainda não tenhamos atingindo o ponto mais baixo do ciclo econômico atual. Nada indica que a curto prazo a situação possa ser revertida. Estamos em situação extremamente angustiante de uma transição corretiva sem sinal, ainda, de solução, ou ao menos de encaminhamento visando uma melhora gradual.

Ao arrepio do que o governo insiste em afirmar, a situação internacional é razoavelmente positiva, embora sustos externos sempre possam ocorrer a qualquer hora, para o que sempre devemos estar preparados. Internamente a ambiguidade entre lógica de Estado e lógica de mercado, que permeia o governo e a sociedade, a contrapelo da fértil cooperação possível entre ambas, é fator perverso adicional, que inibe iniciativas mais arrojadas muitas vezes necessárias. Ambiguidades, retrocessos e incertezas se retro-alimentam tornando a crise ainda mais resiliente a soluções fáceis, a remédios simplistas e, sobretudo, a propostas de salvação “simplórias, garantidas e imediatas”.

(Continua na próxima edição)



ROTARY I N F O R M A

ROTARY CLUB DO RIO DE JANEIRO

Nº 1 do Brasil | Distrito 4570 | www.rotaryrj.org.br

SEJA UM PRESENTE PARA O MUNDO

Presidente: Maria Teresa Almeida Rosa Cárcomo Lobo

Secretário Geral: Eduardo Muniz Werneck

Responsável: Ricardo Vieira Lima Magalhães Gondim

Tels.: 2533-5735 | 2532-0338 | rotaryrj@rotaryrj.org.br

Continuamos a apresentar a palestra proferida em nosso clube, na reunião plenária de 26 de agosto pelo nosso companheiro, associado do Rotary club do Rio de Janeiro, o embaixador e ministro Marcílio Marques Moreira – segunda parte.

HÁ SAÍDA PARA A CRISE? PARTE 2/3

Marcílio Marques Moreira

O governo Fernando Henrique Cardoso soube enfrentar e encaminhar vários problemas econômicos sérios, em especial ao domar a inflação, que chegara a percentuais desmesurados ao final do governo Sarney. FHC conseguiu reconstruir a estabilidade econômica e *devolver* a dignidade à moeda. A moeda é a linguagem do sistema econômico e, para retomar sua funcionalidade, necessita de continuidade e confiança.

O primeiro governo petista manteve basicamente o marco macroeconômico de austeridade fiscal, meta inflacionária e câmbio flutuante. A crise de 2008, entretanto, fundiu a cuca dos nossos dirigentes, que chegaram a considerar-se capazes de transformar um tsunami em uma “marolinha”, pelo simples condão de sua sabedoria superior. O então Presidente chegou a afirmar que o “Deus Mercado morreu”, quando o que aqui morreria era a razão, a racionalidade. “A crise gerada ao Norte por agentes econômicos brancos e de olhos azuis”, seriam incapazes de nos atingir. Em decorrência, a conclusão a que chegaram, diante da morte do deus mercado, foi deixar morrer com ele a ética empresarial, e a ética que deveria presidir as políticas públicas. Se Deus morreu tudo passou a se permitido. Para quê ética? Houve mudança radical da política econômica e abandono crescente tanto da transparência, quanto do apego à verdade. Até 2010, a condução da política monetária continuou, é verdade, razoavelmente sensata graças ao fato de ter sido mantido o ministro-presidente do Banco Central, que, ao estourar a crise em setembro de 2008, fizera irrigar o sistema de liquidez tanto em reais quanto em dólares, o que evitou que a crise viesse a minar o sistema bancário. O estímulo ao consumo, por sua vez, evitou o aprofundamento da recessão em 2009.

O que realmente não fez sentido foi, na sequência, manter o estímulo quase exclusivo ao consumo, muito além do tempo de crise aguda, não se preocupando, a não ser retoricamente, com a prioridade e pragmatismo necessários ao estímulo eficaz ao investimento público sustentável e ao investimento privado indispensável face à fragilidade fiscal e à baixa qualidade de gestão do Estado. A invenção de nova matriz econômica, negação da conduta anterior, pretendeu eternizar o êxito dos 7,5% de crescimento em 2010, e transformar uma política que dera certo, enquanto resposta imediata à crise, em política a ser perseguida em momento totalmente diverso do original.

San Tiago Dantas nos ensinou que todo ato de governo que não se encaixar em objetivo maior previamente definido, que não tenha, portanto, caráter finalístico, não se encadeia a uma política pública, mas, limita-se ser mero ato administrativo pontual, desconexo e insustentável. Foi o que caracterizou a acupuntura econômica que se seguiu, respondendo apenas a problemas tópicos que aflorassem. Tentou-se acudir com respostas econômicas tópicas (crédito subsidiado, desoneração fiscal etc) àqueles setores que gritassem de forma mais intensa. Resultou desconstrução do sistema fiscal brasileiro, cuja respeitabilidade e solidez foram alvo de políticas, consistentes e prolongadas, de desconstrução de seu fio condutor, na medida em que o governo, sem rumo, acabou permitindo a captura de políticas públicas por interesse especiais, um dos piores pecados, que pode ser cometido contra a ética pública.

O desvio da política tributária a favor da indústria das montadoras de automóveis e veículos em geral, como hoje, se sabe, implicaram em desonerações arbitrárias, tanto de redução do imposto IPI, quanto de desoneração das obrigações previdenciárias sobre a folha de pagamento de salários, que ajudaram a desorganizar a economia, e levaram toda indústria automobilística, embriagada por protecionismos descabidos e subsídios aleatórios a um surto de *hybris* quantitativa e descuido com produtividade e eficácia. Uma das grandes incertezas que estamos sentindo hoje, decorrem da escassez de lideranças e da falta de uma ideia clara da obra a realizar, de um compromisso com um caminho a trilhar.

O sistema de licitações, por sua vez, que o governo deseja tornar ainda menos transparente e mais vulnerável a desvios, é baseado apenas em projetos básicos, que só mais tarde são transformados pelas próprias empresas licitadas em projetos de execução, que tendem a não levar em consideração o interesse geral, mas sim o das empresas executantes, em termos de prazos, preços e respeito ao meio ambiente. É situação muito complexa onde há inter-alimentação entre política, economia e interesses especiais, em vez de esforço conjunto em busca do bem comum.

(Continua na próxima edição)



ROTARY

INFORMA

ROTARY CLUB DO RIO DE JANEIRO

Nº 1 do Brasil | Distrito 4570 | www.rotaryrj.org.br

SEJA UM PRESENTE PARA O MUNDO

Presidente: Maria Teresa Almeida Rosa Cárcomo Lobo

Secretário Geral: Eduardo Muniz Werneck

Responsável: Ricardo Vieira Lima Magalhães Gondim

Tels.: 2533-5735 | 2532-0338 | rotaryrj@rotaryrj.org.br

Continuamos a apresentar a palestra proferida em nosso clube, na reunião plenária de 26 de agosto pelo nosso companheiro, associado do Rotary club do Rio de Janeiro, o embaixador e ministro Marcílio Marques Moreira – terceira parte.

HÁ SAÍDA PARA A CRISE?

PARTE 3/3

Marcílio Marques Moreira

Hoje vivemos fenômeno perverso: profunda recessão acoplada a alta inflação. A FGV estima decréscimo do PIB de 3% em 2015 e contração no ano próximo de ao menos 1%, dos quais 0,5% provêm do carregamento estatístico. Neste ano de 2015, portanto, queda de 3% do PIB, e inflação de 9,5%. Qualquer política concebida para combater a inflação tende a inibir o crescimento econômico e o investimento, qualquer política de estímulo ao crescimento, haja vista o descalabro fiscal prevalecente, tende a estimular a inflação. Não estamos nem nos empenhando, com a consistência indispensável, ao combate à atual crise, nem nos preparando para os desafios, problemas e oportunidades do amanhã.

Perdemos a noção de como organizar a economia, de como arbitrar entre mercado e Estado, de como oferecer aos investidores e consumidores regras racionais, estáveis e merecedoras de confiança e respeito. Isto aumenta o custo dos nossos investimentos e rouba-nos uma coisa que nos é crucial: a competitividade internacional. Urge abrir a economia brasileira ao mundo e superar o retrocesso fenomenal em termos de protecionismo, impostos de importação acrescidos e outros tipos de exigências que estão anulando possíveis esforços para melhorar a produtividade total dos fatores de produção, hoje estagnada e, com isto, recuperar a nossa competitividade internacional. Houve um grupo em 1970 liderado por Júlio Mourão que liderava um grupo de economistas da Petrobras, da Eletrobrás e outras entidades, que montou a ideia de inserção e competitiva e soberana da economia nacional no mundo. Incluída, aliás, na própria Constituição de 1988, a noção acabou esquecida no novo milênio.

Ao arrepio do ditame constitucional, estamos perdendo a corrida pela competitividade, enquanto a produtividade continua estagnada. Temos saída para crise? Sim, mas nenhuma saída será fácil. Na política, por exemplo, é preciso responder às perguntas que todos se fazem. “A presidente vai continuar ou não?”, ficar até 2018 ou não?.

Estamos vendo que estão sendo reabertas torneiras de financiamento para a indústria automobilística, para emendas parlamentares e outros custos não contidos, ao contrário do anunciado. O caminho do ajuste fiscal tem sido pedregoso. Em qualquer reforma econômica, o ajuste fiscal é sempre desgastante politicamente porque, embora traga benefícios para a população em geral, ele o faz a longo prazo, enquanto traz custos compactados no tempo e atingindo certos grupos em geral bem organizados, quer em sindicatos, entidades empresariais ou cartéis, portanto, muito mais vocais do que a população em geral, inclusive a dos idosos e crianças, o que inclui, obviamente, as gerações ainda a nascer.

Nós já vivemos muitas crises, mas poucas tão complexas. Temos expertise em driblar crises, mas o grande risco é que não tenhamos liderança suficientemente determinada para aproveitar-lhe as oportunidades. O que tem ocorrido nas últimas décadas são erros que são corrigidos pontualmente mas não temos sabido aproveitar oportunidades. Acredito que não venhamos a viver uma crise devastadora, que não venhamos a cair num despenhadeiro – eu acho que nós somos maiores que esse precipício – mas outra tendência se tornou nosso principal risco. É que, com leniência e condescendência, resvalemos sem mesmo nos aperceber, para o pântano da mediocridade interna e a insignificância externa, situações perversas que uma vez atingidas são difíceis de reverter. É um dos alçapões do risco da armadilha de renda média potencializado pela ignorância arrogante.

Para não terminar em tom apenas negativo, vou repetir o que tenho procurado lembrar às múltiplas audiências a que tenho tido a oportunidade de me dirigir nos últimos meses, as palavras de São Paulo aos Romanos Ele os convoca a alegrar-se até mesmo nas tribulações, pois as tribulações exigem perseverança, perseverança boa virtude, acaba conduzindo à esperança e esta não decepciona.